

## NOTAS DE LEITURA

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dição ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele. São as que começam a ser aqui publicadas, nesta parte da Revista, onde têm cabimento, pela sua natureza. De melhor maneira não se poderia inaugurar a seção de lexicografia; e do exemplo do mestre e do seu cuidado e diligência no estudo da língua portuguesa, confio que virá incentivo para os seus confrades e discípulos, a segui-lo nesse labor paciente, e a contribuírem com as suas proveitosas pesquisas para os trabalhos preparatórios do futuro dicionário que à Academia Brasileira incumbe fazer, e ela há de fazer.

MÁRIO DE ALENCAR

-----

P<sup>o</sup>. M. BERNARDES.

– Bem arbitrado estava, porque desde que Eva se pôs a conversar com a serpente parece que se pegou um não sei quê de serpente a todo este sexo. – *Últ. fins*, 97.

– *Emprestadas* – ... de frases esquisitas e palavras emprestadas da língua latina. – *Id.*

– *Muchacho* – Vejo, disse o muchacho – *Id.*, 154.

– A nau para fazer viagem há de ter lastro e há de ter velas. Tudo lastro, ir-se-á ao fundo; tudo velas, correrá tormenta. Também a alma faz sua viagem neste mundo, porque também o mundo é mar... *Id.*, 114.

– ... recolhiam das flores quantidade do orvalho da madrugada, e com este suor da aurora. – *Id.*, 66.

– Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquieta com o vento – *Id.*, 368. (*Imagem semelhante se encontra em Homero e Camões – N. de M. de A.*)

– Que atado tinha o entendimento aquela religiosa, aqui nesta cidade de Lisboa, quando toda uma manhã inteira esteve por obediência... *Id.*, 166.

– ... e diziam: Praça, praça, que vem uma pessoa principal, façam lugar, que vem... *Pão part. em peq.*, 393, fim.

– Este mundo não é pátria nossa, é desterro; não é morada, é estalagem; não é porto, é mar, por onde navegamos. Vivemos de empréstimo. – *Id.*, 93.

– *A caso* – Oh! não cuidem os filhos de Adão, que desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são acasos as mortes inesperadas. – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 95.

– *Guardar silêncio* – Fiz sinal às nossas virgens para que guardassem silêncio, etc. *Estím. prát.*, 203.

– O cantarem na missa entre a palavra evangélica e sacrossanta mistérios, modilhas e sarabandas próprias de comédia – *Est. prát.*, 143.

– Tão pouco os que amam as honras e aplausos, as riquezas e prosperidades, porque tudo isso são bênçãos da fortuna – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 248.

– ... deve a caridade estar sempre ao leme; devem encher o pano os alentos da esperança – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 107.

– Por este exemplar é bem que os confessores, os missionários, os pregadores, e os mestres de espírito reconheçam a sua obrigação e estimem o seu ofício – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 56.

– ... no meio de uma quietação e silêncio mui alto – *L. e C.*, I, 123.

– ... pregadores sem conto, mas conversões mui contadas: muito luzir nas cadeiras e nas cortes, pouco alumiar nas missões e confessionários: tudo é aguçar e limar as facas e espadas dos entendimentos, e não aparecem operários na seara, nem soldados na campanha – *Luz e Calor*, I, 80.

– porque as rodas da imperial e invisível carroça de vossa providência, pisam etc. – *Id.*, II, 562.

– Quando ouço os outros, quero ir adiante e adivinhando; quando os outros me ouvem quero-os atentos e pendurados. A história nova, o conceito bem achado, a erudição noticiosa, ferverem-me no peito por se comunicar; e se entristece a natureza, se a achou já sabida de outros – *Luz e Calor*, II, 541.

– Que nos lembra essa grande criatura do oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador pelos desastres da perdição eterna? – *Id.*, II, 555.

– A rosa desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece dizendo-me: Oh! como, etc. – *Id.*, II, 553.

– ... a mais primorosa pintura, primeiro foi poucas linhas de um informe debuxo, e as flores, que na árvore não pareciam mais que uns suspiros, ou desejos de se comunicar vieram a produzir frutas abundantes e consumadas. – *Id.*, II, 53.

– Andar com o peito desabrochado. – *Id.*, II, 250.

– Quem sabe o A do amor e Z do zelo, sabido tem o abecedário de todas as nações. – *Estím. prát.*, 10, *in fine*.

– Os trajes pouco honestos que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado, eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para escurecer, do que na oficina para sair à luz, eis aí outro espinho e outro escândalo. – *Práctic. do Arcanjo S. Miguel*, (431).

– Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença da sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade da sua miséria, gemendo com grande angústia do seu espírito, romperão naquele pranto lastimoso, que santos mil antes lhes estavam no livro da sabedoria prognosticando. – *Serm. e pr.*, 186 – Juízo universal.

– Vocabulário novo e contudo já muito usado. Ele é furto, chamam-lhe arrear; ele é vingança, chamam-lhe acudir pela honra; ele é.... chamam-lhe conversar discreto. – *Id.*, 2º, 377.

– Rasgam-se as cataratas do céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes, tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir

terra, que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza; tudo está submergido debaixo de um mar sem praias... Vira que o sol também morre, que as estrelas também caem, que as gentes perecem, como as idades e as idades como as flores. Vira como a sucessão das gerações não é mais que um desejo baldado de imortalidade, e um despojo certo da morte. – *Id.*, 2º, 87.

– Chamara-o para governar homens, que é a arte das artes. – *Id.*, 2º, 427.

– ... aqui estão à mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito *gemendo o que riram*, e sangrando-se do que comeram. – *S. e p.*, 202.

– Os quais (condenados) entretanto se amaldiçoarão a si, e a Cristo, e a sua mãe santíssima, e a seus santos; e logo cingindo-os à roda o fogo que acabou de purificar o mundo, e ajuntando-se no mesmo lugar das ruínas, as cinzas, imundícies, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a sua garganta, e tragará tudo de um sorvo. E logo a terra se tornará a fechar com um grandíssimo estampido, para se não abrir jamais enquanto Deus for Deus. – *Id.*, 871, J. universal.

– De todos quantos homens houve, e há de haver no mundo, um só foi impecável que é Cristo, e todos os mais são pecadores, que somos nós. – *Prát. do Dom.*, 3º dep. do Pentecostes, 53.

BERNARDIM RIBEIRO.

– *Deus me é testemunha* – ... me recolhia para minha casa (onde Deus me é testemunha de como as noites dormia). *Men. e moça*, 1ª, p. 11.

AMADOR ARRAIS.

– Entre luz e fusco – *Diál.*, III, p. 164.

– *Bom barato* – Não podem sofrer mais tratamentos, nem soberbos impérios, e fazem bom barato da vida. – *Id.*, IV – XII – 264.

– ... Nenhuma (cousa) há tão bem guisada e apetitosa, que a reflexão a não faça desabrida e fastiosa. – *Id.*, p. 51.

– Este tal mantimento faz os homens enxutos, rijos, de gentil aspeto – *Id.*, p. 51.

– Charlataria. *Id.*, p. 52.

– Que são golpeados, cramos, recramos, abanos, marquesotas e luvas perfumadas, senão, etc. – *Id.*, X – p. 739.

– Pregar reposteiros com armas não suas, vemos cada hora sem alguma vergonha, e tomar cognome de nobres os que foram seus criados. – *Id., id.*, cap. XVII, p. 651.

– ... termas, hipocáusios, untórios, batistérios, celas frigidárias, tepidárias, caldárias e outros banhos. – *Id.*, Diál. II, c. X, p. 43.

– homem, que é um mundo abreviado – *Id.* Diál. III, p. 214.

– Terra de Filistins – *Id.*, VII, p. 416.

#### D. FRANCISCO MANUEL.

– É defeito que compreende não só as grandes senhoras... – *Carta de guia de casados*, 30.

– feita ao descuido – *Id.*, Pról.

– O Velho –, espelho de graça e cortesia. – *Id.*, 75.

#### JOÃO DE BARROS.

– *A grande pressa* – E tanto que rompeu a manhã, que o vento deu lugar, a grande pressa se recolheu. – *Déc. III*, VII, IX.

– *Enverdecer* – E a causa é porque enverdece com a água salgada – *Id. III*, III, VII.

– ... porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se trataram, que quando se vizinham; e isto cansava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, o outro ao vizinho em o ferir. – *I* – 3 – 2.

– ... indignando tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este aborrecimento de sua soltura com a mágoa que viam ter a El-Rei de perder aquela empresa (a descoberta da América), ofereceram-se deles que o queriam matar e com isto se evitaria ir este homem a Castela (Colombo). – *I* – 3 – 11.

– ... o incitaram com uma virtuosa inveja. – *I* – 7<sup>o</sup> – 2<sup>o</sup>.

– ... a Fortuna (porque ela poucas vezes leva alguém ao sumo estado, senão por meio de algum crime cometido). – 2 – 5 – 2.

– ... homens (jaus) mui atrevidos em cometer e animosos em esperar – 2 – 9 – 2.

– ... assim o achou cauteloso, que disse por ele aquele dito português, que se diz pelos homens maliciosos: “Eu te entendo, que me entendes, que te entendo que me enganas.” – 2 – 8 – 5.

– ... parecendo-lhe que como esta ilha está mais no meio do mar *quase enfiada* com as portas do estreito. – 2 – 8 – 2.

– ... vão se metendo nele... uma plebe de riachos de pouca água... – 2 – 5 – 1.

– A qual (cidade) posto que era mui larga e chã por ser de areia e abafada de palmares e valos. – 2 – 4 – 1.

– E lá dentro esses dois esteiros se comunicam ambos e fazem jornadas pela terra. – 2 – 5 – 1.

– ... mandou el-rei pedir ao visor-rei, que quando partisse das naus não viesse de frecha a este lugar, mas diretamente às suas casas. – 1 – 9 – 4. (Ver Diogo do Couto, 10-3-16).

– ... assim não há cousa mais prejudicial ao vassalo, que o mau costume ou defeito do senhor; porque este tanto mais asinha se aprende que o bem, quanto os homens são mais inclinados ao mal, e finalmente sempre se viu assim como as ondas do mar seguem o vento assim o povo seguir as manhas do príncipe. – D. João III-9.

– Não há guerra tão próspera, nem tão vitoriosa, em que se viva com tanto descanso como no tempo de paz. – *Id.*, 911 –34.

– ... Começou a Índia a fazer o seu ofício, (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar com alegre rosto, e quando os despede de si é com toda las injúrias que lhes pode fazer. – *Déc. III – VI, IX.*

–... aqueles dois homens, que para este efeito eram grandes amigos, e para tudo mais comiam-se um ao outro. – *Id. III – VII, IV.*

– principalmente naquela (fortaleza) de Chaul ainda por acabar, tão requestada dos mouros... – *Id. III, VII, Cap. I.*

– ... solto na língua e atado nas mãos. – *Id. III, X, X.*

– ou demos por desculpa ao autor da obra... que estavam os números errados por culpa do impressor, que é mui bom valhacouto aos que compõem alguma cousa. – *Id. III, V, X.*

– ... não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm do pretérito para o futuro, porque o seu curso natural é um bem responder a outro, e um mal a outro mal... E como a história é um espartador do entendimento, etc. – *Id. III, pról.*

– ... de maneira que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas e remotas da pátria. – *Id. III, pról.*

– ... que se traz quase em provérbio: “Italianos se governam pelo passado, espanhóis pelo presente, e os franceses pelo que está por vir.” Aqui, se lícito fora, se pudera dar uma repreensão de pena à nossa Espanha... – *Id.* III, pról.

– E têm eles per si... (...*que matam o rei quando anda mal*) que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um rei que governa na terra o lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse. – *Id.* III, V, I.

– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade onde quer que está, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.

– Reinado é ofício de muita vigia e trabalho, nem deve nunca o bom rei estar cioso, mas assim como o sol por dar claridade ao mundo nunca está quieto, assim o príncipe por fazer justiça ao povo sempre deve ser ocupado. – Paneg. D. João III (7).

– E como os homens pela maior parte são mais prontos em dar de si frutos voluntários, que os encomendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual é mais viva em dar as sementes que nela jazem por natureza, que as que lhe encomendam por agricultura. – *Déc.*, Prólogo.

– Mestre áspero, e pouco fiel da gente é o arreceio das leis, melhor aprendem os vassallos *dos* bons costumes, e virtuosa atenção de seu príncipe. – Paneg. D. João III, p. 121.

– Costume dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo,... por duas cousas o deixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, etc. – *Id.*, 195.

– E como os ventos são o espírito exterior do mar. – *Déc.* III, IV, VII.

– Nem as águas parece que carecem deste sentido (a harmonia, música) nos rumores, e roucos estrépitos, que por entre os seixos e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade. – *Paneg.*, 253.

– A menencoria muitas vezes vence os sabedores, e os olhos d’alma escurecidos como quem peleja às escuras não sabem fazer diferença dos amigos a quem lhes quer mal. – João III, 185.

– Quem isto tudo bem visse, creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz debaixo de obediência de um príncipe justo... Não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão. – *Id.*, 32.

– (*Retrato de Afonso de Albuquerque*). Era homem de compassada estatura, rosto alegre, e gracioso; ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste; trazia

sempre a barba mais comprida, depois que começou a mandar gente; e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas menencorias leves no tempo de mandar soltava muitas que davam prazer a quem estava de fora; falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexins de ditos para comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa; cansava muito os homens no que lhes mandava fazer, por ter um espírito apressado; foi de muita esmola, e devoto; no enterrar dos mortos ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos mouros, e tinha grandes cautelas para deles levar o melhor. – *Déc.* 2 – 10 – 8.

– Cá uns em alvíssaras, outros em festas, que cada um faz como pode, gastam muitas vezes em um dia o que ganham em muitos. Alguns em vez de rir choram com prazer, e de muitos lemos a que sobejo causou morte súbita, não podendo com a força dele suster a vida. – *D. Maria*, 200.

– Fazenda é a sabedoria isenta da jurdição da fortuna. – *Id.*, 225.

– Quis falar muito de tão singular rei (*D. Afonso*), porque sua vida e costumes parece que confirmam o nosso provérbio que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que ... mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente capitão. – *Id.*, 238.

MACHADO DE ASSIS

[Notas de Leitura de Machado de Assis, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. I, p. 137-145, jul. 1910]

Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda